

## DOCUMENTAÇÃO

### Necessidade do assombro

A surpresa parece ter sido devorada pelo costume. Esse assombro no olhar de uma criança, o assombro perante a criação, perante o brilho humedecido de uma folha, o assombro perante o orvalho, perante os movimentos de um animal, perante o contraste das cores, parece que estaria condenado a desaparecer submerso no ruído contínuo dos dias iguais, na passagem mecânica das estações do ano, sempre iguais, no ciclo das circunferências idênticas, nos fins-de-semana monótonos, no ruído encadeado de chávenas entre bocejos e escadas, passadas e autocarros em procissão rumo a escritórios, olhos resvalando por telas, cafés, informações, idas e vindas de escolas rotineiras, idas e vindas de veraneios semelhantes, entradas por auto-estradas na grande capital, entradas por corredores para os novos percursos, regressos à escola, regresso ao Natal, regresso com o mês de Janeiro, regresso à Primavera, regressos e mudanças do Verão, luzes do Verão, sombras aparentes de Outonos idênticos.

“Os gregos queriam ser um povo de filósofos e não de tecnocratas, isto é, eternas crianças, que viam no assombro a condição mais elevada da existência humana. Só assim se pode explicar o facto significativo de os gregos não darem uma utilização prática a inúmeras descobertas” (St. Harkianakis, citado por Ratzinger em “O Caminho Pascal”).

Por que se perde o assombro, como se perde? Os inventos que as televisões nos oferecem em bandeja já não nos causam pasmo, antes avidez de pegar neles rapidamente e consumi-los. Existe um costume, um hábito ruminante de consumir mastigando o novo, às vezes triturando a última novidade, por vezes sem sequer nos engasgarmos, tão vorazes somos. Consume-se e consome-se, circula-se e circula-se, percorre-se o mundo instantaneamente carregando numa única tecla, movendo apenas o volante. E o silêncio, a surpresa, a paz de espírito? Parecem ter desaparecido. E, no entanto, “a surpresa é uma categoria importante na vida. Mas, pelo menos para mim, ainda há outra coisa importante na criação... A curiosidade. Ninguém a inclui entre os sentimentos, mas acho que a curiosidade é um sentimento. Quando olho para si, tenho curiosidade”. (Wisława Szymborska).

Essa atitude dos olhos arregalados pela curiosidade que a Prémio Nobel de Literatura mostra ao olhar para a jornalista que a entrevista, essa tensão da atenção estendida para o

alheio, para o outro, para outro – aquilo que me vai revelar o outro, o que já me está a revelar, o que me revelou -, essa posição anímica expectante para aquilo que a vida me vai revelar hoje, neste dia, esta pessoa que entra agora no escritório e que se senta diante de mim com as suas interrogações e os seus problemas, inclusivamente com o seu leque de soluções ainda por decidir, tudo isto está no centro da curiosidade e a poucos passos do limiar do assombro.

Todos os anos fico assombrado na primeira hora da primeira aula do curso universitário. Estão perante mim todos os alunos de todos os pontos do país e apresentam-se num emaranhado de ideias e de perguntas sentados em semicírculo, absortos diante das questões e das ideias que lhes possam ocorrer. Ainda não foram tocados pela sombra do cepticismo, nem foram ainda afectados por qualquer pingão de aborrecimento. Estão ali sentados, com o seu caderno virginal de ignorâncias várias à espera do alimento que venham a receber. E praticamente todos eles – mesmo sem a formular de modo explícito – guardam uma pergunta escondida que não sei que pai, nem que mãe, ou que escola poderão eventualmente ter abordado e muito menos imagino em que momento.

O que é a verdade? E a bondade? E a ética? Onde se situa o bem neste mundo tão injusto? E a beleza? Recordo as frases de Kafka passeando por Praga com o seu amigo Janouch. Dizia Kafka: “A juventude é feliz porque possui a capacidade de ver a beleza. É ao perder esta capacidade que se inicia o penoso envelhecimento, a decadência, a infelicidade”. Janouch perguntou-lhe: “Então a velhice exclui qualquer possibilidade de felicidade?”. E Kafka respondeu: “Não. A felicidade exclui a velhice. Quem conserva a capacidade de ver a beleza não envelhece”.

Naturalmente que essa briosa investida que é sempre a juventude – geração atrás de geração – na sua perpétua ânsia de ir em busca da felicidade, do bem, da verdade e da beleza, assume um impulso ascendente que se manterá até ser tentado pelos anzóis da utilidade ou deixar-se fatigar pelo cansaço. Aí os caminhos do ver bifurcam-se – ou por vezes entrelaçam-se – e alguns vêem somente a utilidade das coisas e outros somente a beleza. De qualquer forma, essa força contínua da juventude por reverter às fontes sempre me deixou assombrado e procuramos assim, mesmo que numa escala reduzida, responder encorajando e mantendo cada vez mais vivo esse entusiasmo pelo assombro.

## Sem aburguesamento

Aprender a ver. Surpreender-se dentro do mapa do conhecido. Não se aburguesar nos costumes do quotidiano. A romancista norte-americana Flannery O'Connor comentava: "Tenho uma amiga que está a ter aulas de representação em Nova Iorque com uma senhora russa de grande reputação no seu campo. A minha amiga escreve-me que, durante o primeiro mês, os alunos não dizem rigorosamente nada, limitam-se a ver. E a verdade é que aprender a ver é a base de todas as artes, com excepção da música. Conheço muitos escritores de ficção que pintam igualmente, não porque possuam algum talento para a pintura, mas porque fazê-lo lhes serve de grande ajuda na sua escrita. Obriga-os a olhar para as coisas". Isto conduz-nos a Picasso que um dia disse a Sabartés sobre Cézanne: "Se Cézanne é Cézanne, é porque quando está à frente de uma árvore, olha atentamente aquilo que tem diante dos seus olhos; observa-a fixamente como um caçador que aponta para o animal que pretende abater. Muitas vezes um quadro não é mais do que isto... Temos de lhe dar toda a nossa atenção".

O olho de Picasso a olhar o olho de Cézanne e o olho de Cézanne a olhar por seu turno o olho de Monet: "Monet – dirá Cézanne – é só um olho, mas que olho!". Era aquele Monet que gostaria de ter desejado nascer cego e recuperar repentinamente a vista para não saber nada dos objectos e descobrir-se em estado virgem perante as aparências.

Aprender a ver. Exercitar o olho para se abrir ao assombro. A nossa pupila vê os telejornais e não os olha, olha-os e não os compreende. A pupila falta muitas vezes a compreensão, o colocar-se no lugar do outro, não só receber como apreender imagens e sons que nos revelam o que esse outro leva dentro. A esse outro, em directo e enquanto jantamos, estão a atormentá-lo com os olhos vendados diante de um pelotão de fuzilamento. Há alguns anos escrevi num livro: "Esse homem, como todos os homens, vai morrer; vai morrer pela primeira e última vez". Não me acostumo a isso. Repito-o continuamente. Embora fosse em diferido, os disparos são sempre definitivos, porque essa vida é única e irrepitível e o corpo da venda cai dobrado sem poder ser substituído. O assombro, todavia, tenta-nos no ecrã com o anúncio seguinte de linhas aerodinâmicas de um automóvel. Têm que nos tentar necessariamente com a surpresa, porque a publicidade sabe que estávamos a ficar adormecidos com tanta morte. Sacodem-nos então com os objectos deslumbrantes, pois ao que parece, os assuntos repetitivos e sangrentos – talvez apenas por serem repetitivos – provocam-nos sonolência. Então passa e volta a passar o objecto iluminado e musical a partir de todos os ângulos insólitos e deixa-se ver, olhar e admirar quantas vezes as necessárias até que o consumamos em vida antes que a morte chegue. Quando a morte chega novamente na sequência seguinte do noticiário – esse tanque, por exemplo, que está a esmagar a criança inocente – não sabemos se isso é realidade ou ficção, tão maquilhada aparece a realidade com o seu disfarce de adereços. Exclamamos então, que horror! Mas estamos no segundo prato e continuamos a mastigar o nosso jantar de horrores. A vida continua.

## Um caminho para aprender a ver: ver

"Aprendo a ver", confessava Rilke caminhando pelas ruas de Paris. "Não sei porquê", dizia, "tudo penetra em mim mais profundamente e não permanece onde, até agora, tudo acabava sempre. Tenho um interior que ignorava. É assim a partir de agora. Não sei o que se passa (...) Disse-o já? Aprendo a ver", repetia. "Sim, começo" ("Os Cadernos de Malte Laurids Brigge").

Onde aprendeu isto Rilke? Aprendeu-o com Cézanne, mas antes aprendeu-o com Rodin, vendo-o trabalhar. "Trata-se somente de ver", dirá também Rodin.

Naturalmente, não se pode ver continuamente, no sentido de dar atenção, de compreender sem fazer uma pausa.

Para isso, existem a vigília e o sonho, o repouso e a acção. O olho não só necessita de pestanejar, mas de relaxar, para ganhar novo impulso, para se projectar outra vez. O olhar oscila no seu movimento, como oscila a respiração, como o faz a atenção. "A atenção, por si mesma, não tolera a fadiga", dirá Guilton citando Simone Weil. "Quando esta se faz sentir, a atenção já quase não é possível, a menos que se esteja bem exercitado. Vale mais, nessa altura, descontrair, fazer uma pausa; depois, mais tarde, recomeçar, interromper e voltar a começar, tal como se inspira e se expira".

Mas na altura de se projectar de novo, a pupila que cai sobre o espaço – sobre os nossos vizinhos, os nossos contemporâneos, os que nos estão próximos no espaço que nos rodeia – não pode, com sonolência, seguir o rastro do tempo em que vivemos, isto é, não pode adormecer relativamente às pessoas vivas – não sonhadas nem traçadas os seus perfis – no tempo.

Aquela frase que ouvi directamente no boulevard Raspail de Paris no tão comentado Maio de 68 – "que parem o mundo, pois quero descer" – era um sopro de fastio e de abandono numa boca de velhice juvenil. O mundo tem de continuar (e queiramos ou não, continua), e o que é corajoso é prosseguir no mundo – fazer-se mundo – e melhorá-lo sucessivamente. O mundo dá as suas voltas e eu dou-as com ele, ou talvez seja o contrário, quanto melhor dê eu a volta melhorando a minha actuação pessoal e aparentemente tão insignificante, mais se enriquecerá a volta do mundo no girar da história.

Para que isso aconteça, existe a atenção, a compreensão, a compaixão, o aprender a ver o outro lado e o interior dos outros, o aprender a ver dentro de si próprio. Para isso, existe o assombro. O assombro é pôr de joelhos a inteligência diante da natureza. A poetisa polaca Szymborska, prémio Nobel em 1996, exclamava: "As nuvens são uma coisa tão maravilhosa, um fenómeno tão magnífico, que se deveria escrever sobre elas. É um eterno happening sobre o céu, um espectáculo absoluto: algo que é inesgotável em formas, ideias; uma descoberta comovente da natureza. Tentemos imaginar o mundo sem nuvens".

Em Espanha, Claudio Rodríguez cantou de forma excepcional o olhar absoluto em "Alianza y Condena":

Porque não possuímos,  
vemos. A combustão do olho nesta  
hora do dia, quando a luz, cruel  
de tão verdadeira, danifica  
o olhar, já não me traz aquela  
simplicidade. Já não sei o que é aquilo que morre,  
o que é aquilo que ressuscita. Mas olho,  
baluceio fervor, e o olhar torna-se beijo, já não sei se de amor  
ou de traição.

### O que se vê quando se olha o homem?

O olhar torna-se beijo, escreve o grande poeta espanhol. Estamos, portanto, no outro extremo do espaço do olho. O "olho por olho" do Antigo Testamento procura ser substituído pelo "o amor é olho", na expressão de Ricardo de San Víctor. Mas devemos interrogar-nos se nas enormes cidades hostis, com as suas ruas de precipitação e as suas grandes superfícies de consumismo, diante das filas de imigrantes e nos portais do desemprego, debaixo de janelas de violência e gritaria e também nos locais ociosos dos bocejos, o amor chega a ser olho, o amor é olho, tão carregada está a pupila de compressão. Ou estamos ainda no olho por olho, não teremos saído ainda do olho por olho no cruzamento enviesado dos rancores?

A luz da pupila do homem não pode ser dirigida somente para os objectos e as acções, mas olhar profundamente para o próprio homem. "O olho que vê não é/olho porque tu o vês/é olho porque te vê", dirá Machado. Que se vê então quando se olha o homem? Observa-se realmente alguma coisa? No homem "os conhecimentos fundamentais derivam do assombro suscitado nele pela contemplação da criação: o ser humano surpreende-se ao descobrir-se imerso no mundo, numa relação com os seus semelhantes, partilhando com eles o destino. Daqui arranca o caminho que o levará à descoberta de horizontes sempre novos. Sem o assombro, o homem cairia na repetição e, pouco a pouco, seria incapaz de viver uma existência verdadeiramente pessoal" ("Fe y razón").

O mais curioso é que somos chamados a perpetuar-nos no assombro.

Para nós, que vivemos no déjà vu, no costume de acreditar ter visto tudo, a frase de São Paulo "nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem passou pelo coração do homem, tudo aquilo que Deus preparou para aqueles que o amam" (I Cor 2,9) projecta-nos para uma surpresa sem cansaço, conduz-nos para um assombro infinito cujo segredo reside em que nunca deixaremos de nos assombrar.

J. J. P.

## A Internet e as nossas mentes

Livro: "The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains", W. W. Norton & Co., 2010:

Entender a cultura actual sem prestar atenção ao influxo das novas tecnologias é, desde há alguns anos, uma pretensão impossível. A Internet muda tudo: economia, política, educação... e até o modo de conhecer. Esta é a tese que Nicholas Carr tem vindo a apresentar desde há algum tempo, quando publicou (em 2008) um sugestivo e provocador artigo que intitulou "Estará o Google a tornar-nos tontos?" Este livro não é senão uma documentada reafirmação dessa tese.

O autor parte de uma inquietante experiência própria: a que sentiu no dia em que ele – licenciado em Letras e acostumado a mergulhar na profundidade de textos escritos – começou a notar dificuldade em se concentrar num livro. De repente, após uma página ou duas, a sua mente dissipava-se, perdia o sossego, o fio à meada. Algo se passava no seu cérebro.

Baseando-se em autorizadas vozes de áreas que vão desde a neurologia à educação, Carr defende que a entrega diária às multitarefas digitais tem vindo a incidir notoriamente no modo de conhecer de toda uma geração. O pensamento linear entra em crise.

Abre-se passagem a um mundo distraído, confuso, compulsivo e ansioso, que enquanto premeia, eficiente e útil, torna-se incapaz de se concentrar numa única coisa: um mundo cultural ferido nessas capacidades de reflexão e contemplação que levam ao pensamento crítico e conceptual, prejudicado na memória a longo prazo e na agilidade criativa.

Um precedente interessante desta obra é o pequeno volume do ensaísta italiano Giovanni Sartori, "Homo Videns. A sociedade teledirigida" (1998) onde se constatavam mudanças que agora Carr alarga a uma nova tecnologia intelectual, a do cenário digital.

Tanto Sartori como Carr são herdeiros das ideias de McLuhan, para quem os meios de comunicação não são somente canais de informação. Proporcionam certamente a matéria do pensamento, mas também e sobretudo modelam o processo de pensamento.

"E agora chega a Internet" intitulava Sartori um dos capítulos finais do seu ensaio, sem mal se expandir no desenvolvimento do novo suporte. Ora a Internet já está cá, instalada no quotidiano da cultura. E, de analisar as consequências que derivam deste novo modo de aproximação ao conhecimento se encarrega Carr num livro que, como ele próprio diz, é descritivo e não de auto-ajuda. Abundam acertadas apresentações de cenários problemáticos para a aquisição de conhecimentos. À partida, o livro é um bom diagnóstico. Mas escasseiam os tratamentos para aproveitar de forma acertada esta tecnologia intelectual. Talvez baste um em concreto: a sua chamada para restringir ao imprescindível a multitarefa e dar primazia à concentração particular numa tarefa exclusiva do momento.

M. A. S. N.